

Marcadores discursivos derivados dos verbos de percepção visual *olhar* e *ver*: uma análise a partir da Sociolinguística Variacionista e da gramaticalização

Lauriê Ferreira Martins (UFJF)¹;
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)²

Resumo: Com base na Sociolinguística Variacionista (Labov, 2009 [1972]; Weinreich, Labov & Herzog; 2006 [1968]) e na gramaticalização como processo de (inter)subjetivização (Finegan, 1995; Traugott, 1995, 2010; Traugott & Dasher, 2005; Cuyckens et al., 2010), realizaremos, neste trabalho, o estudo dos marcadores discursivos (MDs) derivados dos verbos *olhar* e *ver*, que, em sua configuração construcional, apresentem a forma imperativa. A partir da análise de dados sincrônicos, objetivamos identificar os fatores que condicionariam o uso de uma ou outra variante em competição – MDs com o verbo *olhar* e MDs com o verbo *ver* –, descrever os usos de cada um dos MDs e demonstrar como as novas construções instanciadas se tornam [+ (inter)subjetivas] à medida que são mais frequentes e verificar a existência de uma possível macroconstrução entre os marcadores analisados. Os resultados apontam que: (i) os fatores mais relevantes à aplicação da regra variável são *traço prosódico*, *posição no tópico* e *relação sintática com a estrutura oracional*; (ii) é possível pensarmos em uma macroconstrução entre os MDs investigados a que subjazem todas as inovações; (iii) os contextos de advertência, de conselho, de adversidade, de atenuação e de opinião são os preferenciais para ocorrência dos MD derivados do verbo *olhar*, enquanto os contextos opinativos, visando a reforçar os argumentos fornecidos pelo falante, são os preferenciais para a ocorrência dos MDs derivados do verbo *ver*.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objeto de estudo os marcadores discursivos (doravante, também, MDs) derivados dos verbos de percepção visual *olhar* e *ver*, que, em sua configuração construcional, apresentem a forma imperativa, sob o enfoque da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2009 [1972]; Weinreich, Labov & Herzog; 2006 [1968]), bem como da gramaticalização como processo de (inter)subjetivização (Finegan, 1995; Traugott, 1995, 2010; Traugott & Dasher, 2005; Cuyckens et al., 2010). Os marcadores analisados são: *olha*, *olha aqui*, *olha aí*, *olha só*, *mas olha*, *pois olha*, *olha bem*, e *olhe lá*, *vê*, *veja*, *veja bem*, *vê lá*, *vê só* e *deixa eu ver*.

A partir dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, objetivamos investigar a variação linguística entre os marcadores derivados de *olhar* e os marcadores derivados de *ver* no domínio funcional da *chamada de atenção do ouvinte* (Rost-Snichelotto, 2009), de modo a identificar quais fatores condicionam o uso de uma ou de outra variante em competição. Já a partir da abordagem da gramaticalização, pretendemos investigar e descrever os usos sincrônicos dos MDs derivados dos verbos de percepção *olhar* e *ver*, demonstrando que as novas construções com os marcadores analisados teriam passado por um processo crescente de (inter)subjetivização, e verificar se é possível falarmos em macroconstruções entre esses MDs.

¹ Mestranda em Linguística pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

² Pós-doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais e professora da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Para tanto, utilizaremos amostras sincrônicas compostas a partir de dois *corpora* representativos da modalidade oral do português brasileiro, o *corpus* do *Projeto Mineirês: a construção de um dialeto*³ e o *corpus* do projeto *PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua*⁴.

Desse modo, realizaremos uma análise quantitativa, cujos objetivos são (i) dar tratamento estatístico aos dados submetidos ao programa computacional GoldVarb/VARBRUL 2001, visando à identificação de fatores que condicionariam ou não a aplicação da regra variável, e (ii) calcular a frequência de uso dos marcadores analisados, de modo a apontar possíveis estágios de gramaticalização dos MDs, bem como a existência de uma possível macroconstrução. Além disso, apresentaremos uma análise qualitativa dos dados, através da qual faremos a descrição e a interpretação dos contextos específicos de uso de cada um dos MDs derivados de *olhar* e *ver*.

É nesse sentido que partimos da hipótese de que uma análise quantitativa, pautada, também, nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, pode contribuir substancialmente para a sinalização de possíveis padrões construcionais a partir dos quais se estabelecem os MDs sob análise. Portanto, acreditamos que nossa proposta de interface entre variação e gramaticalização pode auxiliar na compreensão de construções linguísticas que subjazem à interação comunicativa.

Os resultados apontam que: o contexto de *pausa posterior* é o mais favorecedor da ocorrência tanto dos marcadores derivados do verbo *olhar* quanto dos derivados do verbo *ver*; os MDs derivados do verbo *olhar* são favorecidos pela posição *abertura de tópico*, e os MDs derivados do verbo *ver* são favorecidos pela posição *encaminhamento de tópico*; os MDs derivados do verbo *olhar* são favorecidos por *contexto sintaticamente independente*, enquanto os MDs derivados do verbo *ver* são favorecidos por *contexto sintaticamente dependente*; há uma tendência à fixação dos marcadores na segunda pessoa do discurso (doravante, também, P2), no modo indicativo dos verbos e em configuração imperativa, o que nos permite postular uma possível macroconstrução entre os MDs derivados de *olhar* e de *ver*; os MDs derivados de *olhar* ocorrem em contextos de advertência, de conselho, de adversidade, de atenuação e de opinião; os MDs derivados de *ver* tendem a ocorrer preferencialmente em contextos opinativos, visando a reforçar os argumentos fornecidos pelo falante.

Sendo assim, iniciaremos o presente trabalho com a discussão acerca da interface que rege nosso estudo – Sociolinguística Variacionista e gramaticalização. Em seguida, trataremos de nossa metodologia de trabalho. Posteriormente, realizaremos as análises quantitativa e qualitativa dos dados. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

2. A interface Sociolinguística Variacionista e gramaticalização

Embora pouco frequente, é coerente a investigação linguística sob a ótica da Sociolinguística Variacionista em associação à abordagem da gramaticalização. De acordo com Naro (1998), Naro e Braga (2000), Görsky (2006), Rost (2009) e Poplack (2011), embora constituam perspectivas distintas, cada uma com seus pressupostos teórico-metodológicos específicos, tanto a Sociolinguística Variacionista quanto a gramaticalização

³ Disponível em <http://www.letas.ufmg.br/mineires/>. Acesso em 15 de abr. de 2012.

⁴ Disponível em <http://www.letas.ufrj.br/peul/>. Acesso em 15 de abr. de 2012.

têm como objeto central de estudo a língua em uso, favorecendo, portanto, estudos de interface.

O que poderia ser uma restrição ao trabalho seria o fato de que as variantes analisadas – MDs derivados do verbo *olhar* e MDs derivados do verbo *ver* – não vinculam o mesmo significado semântico, uma vez que existem contextos específicos que fomentam a ocorrência de uma ou de outra. Entretanto, a partir do estudo de Rost-Snichelotto (2009) acerca dos marcadores *olha* e *vê*, e mediante as duas perspectivas supracitadas, consideramos que ambas as forma alternativas se encontram em variação dentro de um mesmo domínio funcional – o da *chamada de atenção do ouvinte*.

A Sociolinguística Variacionista constitui uma abordagem teórico-metodológica que concebe a língua como um fenômeno social, a qual deve ser estudada e compreendida em seus diferentes contextos de uso. Assim, o objeto de estudo dessa abordagem são os padrões linguísticos que variam dentro de uma *comunidade de fala*⁵. O objetivo da Sociolinguística Variacionista é, portanto, demonstrar como a ocorrência de cada variante está diretamente condicionada pelo contexto em que ela ocorre, seja este linguístico ou extralinguístico, isto é, seu intuito é controlar, de maneira empírica e sistemática, os fatores internos e externos que condicionam o uso de uma ou de outra variante, demonstrando, assim, que a língua, apesar de heterogênea, é, sobretudo, sistemática (Labov, 2009 [1972]; Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968]). Neste trabalho, portanto, especificaremos os fatores que regulam o uso das seguintes variantes em competição: MDs derivados de *olhar* e MDs derivados de *ver*.

Já a gramaticalização enquanto processo de (inter)subjetivização parte do princípio de que o desenvolvimento de expressões gramaticalmente identificáveis indica crenças e atitudes dos falantes, bem como a preocupação do falante com a imagem de seu ouvinte. A subjetivização, de acordo com Traugott (1995), diz respeito ao processo através do qual os falantes indexam suas crenças e atitudes em expressões linguísticas, as quais passam a desempenhar sentidos [+ subjetivos]. Já a intersubjetivização, segundo Cuyckens et al. (2010), diz respeito ao processo de sinalização, pela linguagem, da preocupação do falante com o *self*⁶ de seu interlocutor, que vincularia um sentido [+ (inter)subjetivo]. Sendo assim, a gramaticalização enquanto (inter)subjetivização consiste no processo de mudança linguística através do qual novos significados são convencionalizados em um novo par forma-sentido, que pode desenvolver, com a reiteração de uso, sentido [+ subjetivo] e, até mesmo, sentido [+ (inter)subjetivo] (Finegan, 1995; Traugott, 1995, 2010; Traugott & Dasher, 2005; Cuyckens et al., 2010).

A gramaticalização como processo de (inter)subjetivização envolveria o mecanismo da reanálise, ou seja, uma nova forma é reinterpretada para uma função já existente ou uma nova função é reinterpretada para uma forma já existente. A reanálise se dá, portanto, no momento da negociação de sentido entre falante e ouvinte na interação, que, diante das necessidades comunicativas, expressam seu posicionamento a partir de uma proposição.

Além da reanálise, outro mecanismo de mudança não só envolveria o processo de gramaticalização, como também constituiria a base da mudança, a saber, a analogia (Traugott, 2011a, 2011b). A analogia, que diz respeito à atração a partir de formas e/ou funções já

⁵ Entendemos por *comunidade de fala* um grupo de indivíduos estratificados em sexo, idade, classe social, entre outros fatores, que compartilham as mesmas regras de linguísticas, apesar de utilizarem diferentes formas para expressar uma função.

⁶ O *self* diz respeito à imagem pública do falante no momento da interação.

padronizadas, estaria relacionada aos quatro níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, 2008b): *macroconstruções* ou esquema abstrato de construções a que subjazem todas as inovações; *mesoconstruções* ou grupo de construções com comportamento semelhante; *microconstruções* ou construções individuais gramaticalizadas a partir da reiteração de uso; *constructos* ou inovações que emergem no momento da interação. Assim, de acordo com Traugott (2008a), seriam as mesoconstruções as responsáveis pela atração de forma e/ou funções mediante exemplos, a partir da qual se daria o processo de gramaticalização.

Neste trabalho, procuraremos demonstrar como os MDs derivados de *olhar* e *ver* desenvolvem usos cada vez [+ (inter)subjativos], constituindo construções com pareamento forma-sentido, bem como identificaremos uma possível macroconstrução a que estariam vinculadas as microconstruções analisadas – as quais apresentariam similaridades. Assumimos, portanto, a perspectiva de gramaticalização de construções de Traugott (2003, 2008b, 2008b, 2009), visto que consideramos que a construção inteira, e não apenas o significado lexical, é precursor de sentido gramatical.

3. Metodologia

A amostra analisada foi coletada a partir de dois *corpora* sincrônicos da modalidade oral do português brasileiro: o *corpus* do *Projeto Mineirês: a construção de um dialeto* e o *corpus* do projeto *PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua*. A abordagem sincrônica tem por objetivo identificar “os graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático” (Gonçalves et al., 2007, p. 16). A seguir, apresentamos um quadro para melhor visualização da amostra analisada:

<i>Corpus</i>	Descrição do <i>corpus</i>	Número de palavras
Projeto Mineirês: a construção de um dialeto	Projeto coordenado pela Professora Jânia Ramos na UFMG.	300.000 palavras
PEUL – Programa de Estudos sobre o uso da língua	Projeto coordenado por professores e pesquisadores na UFRJ.	300.000 palavras
Total		600.000 palavras

Quadro 1 – *Corpora* analisados

Adotamos, para tanto, o método de mesmo recorte de número de palavras – 300 mil palavras – para cada um dos *corpora*, que, de acordo com Vitral (2006), justifica-se devido ao fato de ser imprescindível a análise da frequência dos itens em relação a certos aspectos semânticos que podem evidenciar a existência de um processo de gramaticalização.

Para a análise quantitativa, pautada nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, utilizamos o programa computacional GoldVarb/VARBRUL 2001, através do qual controlamos a frequência das variáveis dependentes em associação às variáveis independentes e o peso relativo condicionador ou não da regra variável, indicando haver heterogeneidade sistemática nos casos de variação sob análise. Assumimos como variáveis dependentes os MDs derivados do verbo *olhar* e os MDs derivados do verbo *ver*, as quais entendemos estar em variação na *chamada de atenção do ouvinte* (Rost-Snichelotto, 2009) – embora haja

contextos que fomentam a ocorrência de marcadores derivados de *olhar* e contextos que condicionam a ocorrência de marcadores derivados de *ver*. A seguir, apresentamos um quadro para melhor visualização das variáveis independentes analisadas:

Variáveis Independentes
Apresentação formal a) Forma simples b) Forma composta
Presença/ausência de pronome ou vocativo junto aos MDs a) Presença do pronome <i>tu</i> junto ao MD ou em contexto próximo b) Presença do pronome <i>você</i> junto ao MD ou em contexto próximo c) Presença de vocativo junto ao MD ou em contexto próximo d) Ausência de pronome ou vocativo junto ao MD ou em contexto próximo
Relação sintática dos MDs com a estrutura oracional a) Dependência sintática b) Independência sintática
Posição dos MDs no tópico discursivo a) Abertura de tópico b) Encaminhamento de tópico c) Fechamento de tópico
Traço prosódico dos MDs a) MD com pausa anterior b) MD com pausa posterior c) MD entre pausas d) MD sem pausa
Localidade do falante a) Minas Gerais b) Rio de Janeiro

Quadro 2 – Variáveis independentes analisadas

A partir de uma análise quantitativa, baseada pelos pressupostos da abordagem da gramaticalização, realizamos o levantamento da frequência de uso a fim de apontar estágios de mudança linguística, bem como verificar a existência de uma possível macroconstrução entre os marcadores analisados. De acordo com Bybee (2003), Vitral (2006) e Martelotta (2009), a repetição de um novo uso consiste em uma forma de, respectivamente, atestar um processo de gramaticalização em curso, identificar um processo de gramaticalização e descrever o valor comunicativo de um determinado elemento no uso da língua e o seu movimento de mudança.

Ainda, realizamos uma análise qualitativa, cujos objetivos são descrever e interpretar os contextos de uso dos marcadores derivados de *olhar* e *ver*. Embora os verbos *olhar* e *ver* possam vincular sentidos [- subjetivos] ou [+ concretos], como é o caso da percepção sensorial pela visão, estes podem, ainda, sinalizar sentidos [+ subjetivos] ou [- concretos], como é o caso, por exemplo, da percepção cognitiva. Já no que diz respeito à atuação desses verbos como marcadores discursivos, acreditamos que estes tenham desenvolvido sentidos [+ (inter)subjetivos], uma vez que indexam crenças e atitudes do falantes, assim como a preocupação do falante com o *self* do ouvinte no momento da interação.

4. Análise quantitativa dos dados a partir da Sociolinguística Variacionista

Através do programa computacional GoldVarb/VARBUL 2001, foi possível calcularmos o peso relativo – que diz respeito à relevância dos grupos de fatores mais ou menos favorecedores da regra variável. Observemos na tabela 1, a seguir, os valores atribuídos aos fatores mais relevantes para a variação entre os MDs derivados de *olhar* e os MDs derivados de *ver*:

Variável Independente	Fatores	Peso Relativo
Traço prosódico	Pausa anterior	0,925
	Pausa posterior	0,330
	Entre pausas	0,485
	Sem pausa	0,549
Posição no tópico	Abertura de tópico	0,520
	Encaminhamento de tópico	0,373
	Fechamento de tópico	0,885
Relação sintática com a estrutura oracional	Dependência sintática	0,015
	Independência sintática	0,806

Tabela 1 – Pesos relativos atribuídos pelo GoldVarb/VARBUL 2001

Como é possível verificar, as variáveis independentes que mais se relacionam à variação dos marcadores analisados são *traço prosódico*, *posição no tópico* e *relação com a estrutura oracional*.

O *traço prosódico* constitui o grupo de fatores mais relevante à aplicação da regra variável em nossa análise. Observemos a tabela 2 a seguir:

	MD derivado do verbo <i>olhar</i>		MD derivado do verbo <i>ver</i>		Total de ocorrências
	nº	%	nº	%	nº
Com pausa anterior	50	94,33%	3	5,66%	53
Com pausa posterior	162	77,88%	46	22,11%	208
Entre pausas	73	94,8%	4	5,19%	77
Sem pausa	61	70,93%	25	29,06%	86
Total	346		78		424

Tabela 2 – Variável independente: *traço prosódico*

Como verificamos na tabela 2, tanto os marcadores com o verbo *olhar* quanto os marcadores com o verbo *ver* ocorrem com maior frequência em contextos de *pausa posterior*, com 162 ocorrências (77,88%) e 46 ocorrências (22,11%), respectivamente.

O segundo grupo de fatores mais relevante à formulação da regra variável é a *posição no tópico discursivo*. Observemos a tabela 3 a seguir:

	MD derivado do verbo <i>olhar</i>		MD derivado do verbo <i>ver</i>		Total de ocorrências
	n°	%	n°	%	n°
Abertura de tópico	242	89,62%	28	10,37%	270
Encaminhamento de tópico	84	64,12%	47	35,87%	131
Fechamento de tópico	20	86,95%	3	13,04%	23
Total	346		78		424

Tabela 3 – Variável independente: *posição no tópico discursivo*

Verificamos, na tabela 3, que o contexto preferencial de ocorrência dos MDs derivados de *olhar* é o de *abertura de tópico* (com 242 ocorrências – 89,62%), enquanto o contexto que mais condiciona o uso de MDs derivados de *ver* é o de *encaminhamento de tópico* (com 47 ocorrências – 35,87%). Nossa hipótese é a de que os marcadores que advêm de *olhar* ocorrem com mais frequência em contextos de tomada de turno e de apresentação de opinião, por isso, ocorrem em *abertura de tópico*. Quanto aos marcadores que advêm de *ver*, estes ocorrem, preferencialmente, em contextos de reforço de opinião e de apresentação de argumentos. Desse modo, o fator *posição no tópico* estaria diretamente relacionado aos contextos específicos de uso de cada variante.

O terceiro grupo mais relevante para a realização da regra variável é a *relação sintática com a estrutura oracional*. Observemos a tabela 4 a seguir:

	MD derivado do verbo <i>olhar</i>		MD derivado do verbo <i>ver</i>		Total de ocorrências
	n°	%	n°	%	n°
Dependência sintática	34	31,48%	74	68,51%	108
Independência sintática	312	98,73%	4	1,26%	316
Total	346		78		424

Tabela 4 – Variável independente: *relação sintática com a estrutura oracional*

Identificamos, com o cálculo da frequência, que o contexto que mais fomenta a ocorrência de MDs com verbo *olhar* é o de *independência sintática* (com 312 ocorrências – 98,73%), uma vez que o marcador pode ser descartado sem prejuízo à sintaxe da oração. Entretanto, o contexto que mais condiciona a ocorrência de MDs com verbo *ver* é o de *dependência sintática* (com 74 ocorrências – 68,51%). Nossa hipótese é a de que os marcadores derivados do verbo *olhar* estejam assumindo traços mais nítidos da classe dos marcadores discursivos, o que corrobora os resultados que obtivemos para o grupo *presença/ausência de pronome ou vocativo junto ao MD*, que não configura um contexto relevante para a aplicação da regra variável. Observemos a tabela 5 a seguir:

	MD derivado do verbo <i>olhar</i>		MD derivado do verbo <i>ver</i>		Total de ocorrências
	n°	%	n°	%	n°
Presença de pronome <i>tu</i>	-	0%	2	100%	2
Presença de pronome <i>você</i>	-	0%	34	100%	34
Presença de vocativo	16	94,11%	1	5,88%	17
Ausência de pronome ou vocativo	330	88,94%	41	11,05%	371
Total	346		78		424

Tabela 5 – Variável independente: *presença/ausência de pronome ou vocativo junto ao MD*

Embora o fator *ausência de pronome ou vocativo junto ao MD* constitua o contexto preferencial de atuação tanto de marcadores derivados de *olhar* quanto de marcadores derivados de *ver*, os fatores *presença de pronome “tu” junto ao MD* e *presença de pronome “você” junto ao MD* demarcam 100% de ocorrência para os marcadores com o verbo *ver* contra 0% de ocorrência para os marcadores com o verbo *olhar*.

O grupo *apresentação formal* dos marcadores também não constitui uma variável independente que favorece a aplicação da regra variável. Observemos a tabela 6 a seguir:

	MD derivado do verbo <i>olhar</i>		MD derivado do verbo <i>ver</i>		Total de ocorrências
	n°	%	n°	%	n°
Forma simples	316	89,51%	37	10,48%	353
Forma composta	30	42,25%	41	57,74%	71
Total	346		78		424

Tabela 6 – Variável independente: *apresentação formal*

Temos que a *forma simples* – constituída por apenas um lexema – é a forma preferencial para a ocorrência de marcadores com verbo *olhar* (com 316 ocorrências – 89,51%), enquanto os marcadores com verbo *ver* realizam-se de maneira equilibrada tanto em contexto de *forma simples* quanto em contexto de *forma composta* (com 37 ocorrências e 41 ocorrências, respectivamente). Uma justificativa plausível seria o fato de os marcadores analisados estarem caminhando rumo a uma fixação formal simples.

Ainda, controlamos a frequência dos marcadores em relação à *localidade do falante* – também denominada variação diatópica –, que não se mostrou um grupo relevante para a formulação da regra variável. Observemos a tabela 7 a seguir:

	MD derivado do verbo <i>olhar</i>		MD derivado do verbo <i>ver</i>		Total de ocorrências
	n°	%	n°	%	n°
Minas Gerais (Projeto Mineirês)	104	72,72%	39	27,27%	143
Rio de Janeiro (Projeto PEUL)	242	86,12%	39	13,87%	281
Total	346		78		424

Tabela 7 – Variável independente: *localidade do falante*

O controle da *localidade do falante*, única variável independente de natureza extralinguística analisada, foi possível devido aos *corpora* utilizados – *Mineirês*, composto

por dados reais de fala de informantes de Minas Gerais, e *PEUL*, composto por dados reais de fala de informantes do Rio de Janeiro. Os marcadores derivados de *olhar* são mais frequentes no Rio de Janeiro (com 242 ocorrências – 86,12%); já os marcadores derivados de *ver* ocorrem com a mesma frequência em Minas Gerais e no Rio de Janeiro (com 39 ocorrências em cada Estado).

Nossos resultados, ainda preliminares, corroboram a seleção de traços definidores dos MDs propostos por Risso, Silva e Urbano (2006). Dentre diversos fatores, as autoras identificam, por exemplo, a *independência sintática*, a *demarcação prosódica* e a *articulação de segmentos do discurso* como traços frequentes e, portanto, definidores da classe dos marcadores discursivos. Desse modo, há uma tendência dos marcadores rumo à *independência sintática* – são alheios à estrutura gramatical da oração –, à *demarcação prosódica* – constituem grupos fonéticos demarcados por pausas – e à *articulação de segmentos do discurso* – estabelecem aberturas, encaminhamentos ou fechamentos de tópicos discursivos. Entendemos, portanto, que tais resultados indicam possíveis padrões construcionais que integram a emergência das construções com marcadores derivados de *olhar* e de *ver*, bem como o estabelecimento de redes construcionais – arquiteturas gramaticais disponíveis para o falante construir seu discurso.

5. Análise quantitativa dos dados a partir da abordagem da gramaticalização

A partir da abordagem da gramaticalização, realizamos o cálculo da frequência de uso de cada um dos marcadores discursivos derivados de *olhar* e de *ver*, com os objetivos de postular possíveis estágios de gramaticalização – apontando quais MDs estariam mais ou menos avançados no processo de mudança linguística –, e de definir a existência de uma possível macroconstrução. Para tanto, observemos a tabela 8, a seguir, a qual apresenta o levantamento geral dos MDs:

	MD derivado do verbo <i>olhar</i>		MD derivado do verbo <i>ver</i>		Total de ocorrências
	nº	%	nº	%	nº
Projeto Mineirês	104	72,72%	39	27,27%	143
Projeto PEUL	242	86,12%	39	13,87%	281
Total	346		78		424

Tabela 8 – Levantamento geral dos MDs

Podemos verificar, na tabela 8, que os marcadores derivados de *olhar* (com 346 ocorrências) são mais frequentes do que os marcadores derivados de *ver* (com 78 ocorrências). Tal evidência, em consonância com algumas características apontadas pela análise quantitativa a partir da Sociolinguística Variacionista, nos sugere que os MDs com o verbo *olhar* estariam em um processo mais avançado de gramaticalização. Na tabela 9, a seguir, podemos observar a distribuição das formas dos MDs por *corpora* analisados:

	Formas simples			Formas compostas										
	olha	vê	veja	olha aqui	olha aí	olha só	mas olha	pois olha	olha bem	e olhe lá	veja bem	vê lá	vê só	deixa eu ver
<i>Projeto Mineirês</i>	100	10	1	2	-	1	1	-	-	-	1	1	-	26
<i>Projeto PEUL</i>	216	27	-	1	1	19	1	1	1	2	1	-	1	10
Total	316	37	1	3	1	20	2	1	1	2	2	1	1	36

Tabela 9 – Distribuição das formas dos MDs por *corpora* analisados

Como observamos na tabela 9, o MD mais frequente é *olha*, em sua forma simples (com 316 ocorrências), seguido do MD *vê*, também em forma simples (com 37 ocorrências). Nossa hipótese é a de que a *apresentação formal* dos marcadores discursivos estaria relacionada a sua atuação em contextos sintaticamente independentes. Desse modo, ao passo que os MDs analisados caminham rumo à independência sintática, da mesma maneira caminham rumo à fixação formal simples.

É possível verificarmos também, na tabela 9, a tendência de os marcadores sob análise se realizarem na segunda pessoa do discurso, no modo indicativo do verbo e na forma imperativa. De acordo com Rost-Snichelotto (2009, p. 41), “uma das características do item ao assumir funções discursivas é não estar sujeito à flexão número-pessoal e/ou modo-temporal”. Além disso, a autora destaca que as formas no modo indicativo são “mais recorrentes, considerando-se que este modo esteja tomando, na fala, o lugar do subjuntivo”.

Nesse sentido, a partir do cálculo da frequência de uso de cada um dos marcadores discursivos analisados, concluímos que a cristalização dos MDs derivados de *olhar* e *ver* em P2, no modo indicativo do verbo e na forma imperativa sinalizam uma possível macroconstrução a que subjazem todos os padrões construcionais que compõem as microconstruções individuais bem como o estabelecimento de redes construcionais.

6. Análise qualitativa dos dados

Com a análise qualitativa, pretendemos realizar uma descrição e uma interpretação dos contextos de atuação discursiva de cada um dos MDs investigados. Para tanto, observemos os exemplos a seguir:

(1) Num sei, diz que num podia... e sabe, tinha... o Dr. NP falava pra dá banho pra febre abachá. Né? Elas levaro a banhera pro meu quarto: a NP, a NP e a NP minha prima. Punha água naquela banhera e me punha. Ele falava assim: *Olha*, num pode dexá caí porque o entestino dela tá por um fio, se arreventá, qualquer coisa é fatal. Então, elas pegavam, uma pegava nos pés, outra na cabeça e outra no meio pra me pô na banhera. (*Corpus do Projeto Mineirês*, cidade de Arceburgo, entrevista 12)

(2) E: Ah, Fátima, como é que você concilia..., ou acha que concilia, o trabalho de casa com o trabalho na escola...

F: *Olha*, eu não concilio. (riso E) Eu num vou menti, eu num concilio, sabe? é um grande problema isso, chego muito tarde, o único dia que eu tenho...

tenho prá arrumá a casa mesmo é sábado e domingo e é o dia que as crianças precisam, então tá essa constante bagunça. (*Corpus* do projeto *PEUL*, entrevista R04)

(3) **E:** I com relação a grade curricular você você acha interessante a grade da instituição qui você ta hoji ou você teria vontade di trocá por outra instituição?

F: *Olha* eu eu eu intrei num currículo novo da PUC intão a genti passou por algumas dificuldades a genti foi a primeira turma qui pegou o currículo novo isso envolveu aumento di mensalidadi qui afetô muito até o disinvovimentu da turma mesmo todú mundo com dificultadi i i pareci qui num houvi um consenso di todus professoris com relação a isso no final das contas eu achu qui ainda tem qui sê ordenadu tais matérias. (*Corpus* do *Projeto Mineirês*, cidade de Belo Horizonte, entrevista 01)

Verificamos, a partir dos exemplos (1), (2) e (3), que o marcador discursivo *olha*, em nossos dados, possui a propriedade da multifuncionalidade, isto é, desempenha diferentes funções a depender de seu contexto de atuação discursiva. Em (1), *olha* exerce a função de marcador de advertência ou aviso, haja vista que o falante adverte seu interlocutor acerca da gravidade do problema de saúde da criança, a qual não pode sofrer nenhum tipo de queda. O sentido desempenhado pelo MD é [+ (inter)subjetivo], uma vez que a intenção do falante é a de que o aviso, ou ordem, seja acatado pelo ouvinte. Já em (2), *olha* exerce a função adversativa, visto que a entrevistada contra-argumenta a constatação do entrevistador de que ela concilia trabalho de casa e trabalho da escola. Tal uso é também [+ (inter)subjetivo], pois demonstra a orientação do falante em direção a seu interlocutor. Por fim, em (3), *olha* tem função de atenuação, visto que o falante tenta controlar, quando avalia negativamente sua instituição de ensino, possíveis más interpretações por parte de seu interlocutor. O sentido de atenuação também é [+ (inter)subjetivo], pois indexa a orientação do falante em relação às expectativas do ouvinte.

Vejamos, a seguir, exemplos dos marcadores discursivos *olha só* e *olha aqui*:

(4) **E:** Você falô que você queria tê um filho (inint) Que de vez em quando você pensa em ter um filho. E quando você tivé filho, como é que você vai educá ele? [Você vai educá ele] da mesma maneira que a sua mãe te educô?

F: [Não!] *Olha só*, não que eu queria tê... no momento eu não penso em ter filhos. Eu tô dizendo assim, não tiro a (est) [a possibilidade]... a possibilidade de. Nem de casá, nem de ter filho, nem de segui uma carreira, nem de ganhá na loteria (risos E) nem de viajá (est) mas... tipo assim, entendeu? Mas... (*Corpus* do projeto *PEUL*, entrevista R03)

(5) **E:** Qual foi um filme assim que marcou a vida da senhora?

F: Olha, marcá a vida... num foi tanto assim, né? (riso e) *Mas olha*, o Vento Levo:u (est) —... eu vi muito mas agora se ocê me perguntar o nome deles todos (riso f) eu não sei dizê tudo (est) — mas o Vento Levou foi um filme LINDO! (est). (*Corpus* do projeto *PEUL*, entrevista R12)

(6) Aconteceu o seguinte, tinha um pino que mete a chave, a chave de fenda, abre, ficou ligando e desligando, ligando, desligando, com certeza o pino foi

correndo, foi correndo, fechou e caiu, aí soltou o interloque, foi o que aconteceu, sabia? Mas eles não perdoam [a]...[o]...[o]... não sei quantos anos, mais de dez anos, uma turma antiga sempre me elogiaram que [a]... [a]... tem da um... tem que botar vinte litros mais cento e oitenta gramas, a minha era com cento e cinquenta de evaporação, tá entendendo? Eu não queria com cento e oitenta, eu deixava com cento e cinquenta de evaporação, aí eles me elogiaram, pô seu Agostinho com o chefe da turma [do]... da turma que vinha: “Ah, essa bomba aqui não precisa nem conferir doutor, isso aqui, há dez anos que eu venho aqui, duas, três vezes por mês passo aqui e está sempre certo (ruído), pois olha eles não perdoaram (inint) passaram arame na bomba, lacraram a bomba toda, passei uma maior vergonha sem roubar ninguém, fui ladrão sem roubar ninguém (falando rindo). Aí paguei a multa, vieram deslacaram a bomba, ai a ECO veio botar o interloque tá vendo? Ai eles chegaram lá, coitado o português sofre com ele, ele chega, eu tenho [o]...[o]... o pavio muito curto, sabe? (Corpus do projeto PEUL, entrevista R15)

Os marcadores discursivos *olha só, mas olha e pois olha* vinculam sentidos [+ (inter)subjativos], uma vez que sinalizam a crenças e atitudes do falante, bem como a orientação do falante para com o *self* de seu interlocutor. Em (4), *olha só* exerce função adversativa, pois o falante contrapõe a constatação do interlocutor de que deseja ter filhos. Também em (5), *mas olha* possui função adversativa, uma vez que a entrevistada contrapõe sua própria declaração de que nenhum filme teria marcado sua vida; entretanto, temos, nesse uso, ainda, a função de envolver o interlocutor pela emoção, visto que a entrevista pretende que o entrevistador compartilhe seu sentimento em relação ao filme *O vento levou*. Já em (6), *pois olha*, além de exercer função adversativa, tem por objetivo levar o interlocutor a compartilhar sua opinião de que a situação vivenciada foi um absurdo.

Vejam agora exemplos dos marcadores *olha aqui* e *olha aí*, os quais também são [+ (inter)subjativos]:

(7) **E:** o mesmo sapo?

F: não outro sapo {AHHH aí ele saiu gritano A MÃE PAI A O SAPO a o SAPO aí né o as aí:: né:: aí o pai dele mais a mãe falô “EHH:: FILHO Nossa cê tá sonhando com o sapo num tô vemo sapo nenhum” olha ali na árvore minha árvore tá chorano tá gritano socorro vai lá mata o sapo aí tava sonhando

E: sonhando?

F: é

E: que isso?

F: “num tem sapo nenhum AQUI não filho cê tá sonhando *olha aqui* tá de noite pro cê nós gritá olha que uma hora dessa vai aparecê sapo dento do nosso hotel cê tá DOÍdo filho? (Corpus do Projeto Mineirês, cidade de Piranga, entrevista 01)

(8) A ambição, o poder, o que que um ser humano é capaz de fazer pra obter aquilo que quer porque isso também é uma característica que tá sendo jogada em cima das crianças, (inint) não é nessa geração, já nas gerações, duas gerações mostrando uma realidade a ser superada, mas eu sei que o efeito nas outras pessoas é o contrário. O efeito é: “*olha aí*, faz mesmo, tu

tem que fazer, tu tem que mentir, tu tem que roubar, tu tem que fazer tudo contando que cê tenha dinheiro no bolso”. Infelizmente é isso por aí a novela. (*Corpus* do projeto *PEUL*, entrevista R11)

Em (7), *olha aqui* exerce função advertência, visto que a mãe da criança, durante um sonho, a adverte para que não grite porque já é noite. Observamos, nesse uso de *olha aqui*, resquícios do significado original do verbo, ainda que o MD mantenha suas próprias particularidades. Em (8), *olha aí* tem por função aconselhar, vinculando, também, um sentido [+ (inter)subjetivo]. O marcador inicia uma série de conselhos direcionados ao interlocutor, através de um discurso reportado, a fim de fazer com que este compartilhe de sua posição.

Observemos os exemplos seguintes para os MDs *e olhe lá* e *olha bem*, os quais vinculam sentidos [+ (inter)subjativos]:

(9) **F:** Meu grau de instrução não vai muito longe não. Na época que eu estudei, devia tê a quarta... quinta série só.

E: (est). É...

F: (Retoma o turno). Primário, chamava-se primário. Hoje é primeiro grau, segundo grau, (hes) vestibular, faculdade, essas coisa toda. Na época tinha que fazê nada disso. Só fiz o primário *e: olhe lá*. (*Corpus* do projeto *PEUL*, entrevista R13)

(10) Ela ganhava quarenta e quatro cruzero por mês, eu <trab...>... eu servi o exército, tava no exército, tava no exército, namorava ela, namorava não, já morava com ela, você não pode... não podia casá que na época se... soldado não podia casá. Aí veio a garota, mas ela, por exemplo, trabalhano, eu descia com ela, gastava cinco cruzero, *olha bem!* Subia mais cinco, mais dez. (“Ainda tinha que sobrá”) dinheiro pa fazê lanche. Fazê as conta: ela ganhava quarenta e dois <cruzer...>, <cru...> <cr...> po... por mês e eu gastava cinquenta, mais de cinquenta reais... mais de cinquenta cruzero por semana com ela. (riso e) Tinha condições disso? Eu falei pra ela: “O negócio é o seguinte: você fica em casa porque eu te dô os cinquenta por semana e fico... descanso mais.” (*Corpus* do projeto *PEUL*, entrevista T16)

O marcador *e olhe lá*, em (9), que se configura no modo subjuntivo do verbo, constitui um indexador de contra-expectativa, tendo como função colocar em dúvida o argumento do falante de que teria feito o primeiro grau na escola. Desse modo, tal marcador atua no fechamento do tópico discursivo. Quanto ao marcador *olha bem*, em (10), este tem como função convencer o interlocutor acerca de sua opinião em relação à situação de gastos de dinheiro com sua namorada, bem como demonstrar a indignação do falante diante da situação.

Quanto aos marcadores com o verbo *ver*, observemos os exemplos de *vê*, *veja*, *veja bem*, *vê lá* e *vê só*, todos vinculando sentidos [+ (inter)subjativos]:

(11) Quando eu era garoto via muito dessas coisas que faziam com estuprador lá em Cordovil, quando meu irmão morava lá, que eu ia lá. O cara estupro, pega um pedacinho dele bota um em cada canto da rua, colocaram, acabô, não vai mais estupra ninguém, não vai mais machucá ninguém, não vai mais fazê mais nada, melhó que abarrotá cadeia e a gente ficá sustentando e além de sustentá esses ainda sustentamos os de [colarinho, né?] [risos F] Agora *você vê*, ainda tem isso, o pobre coitado às

vezes rouba um pão pra comê, né? Alguém rouba um vale transporte, vai pra cadeia, Jorgina, P. C, Collor, falaram da prisão de alguém até agora, nada e... também é a coisa, também depois dessa aí... Eu não sei por quê, eu não gosto muito desse negócio de política [risos F] eu só escuto. (*Corpus* do projeto *PEUL*, entrevista R09)

(12) **E:** O povo de Arceburgo tinha que ter mais interesse. Né?

F: Mas num tem, é difícil. *Você veja:* Arceburgo tem um jornal cê pega o jornal, não menosprezando quem escreve o jornal, mas cê vê um quantidade imensa de palavras escritas erradas e a gente vê que num é erro de diagramação, é erro de concordância mesmo. É falta de conhecimento de gramática mesmo. (*Corpus* do *Projeto Mineirês*, cidade de Arceburgo, entrevista 14)

(13) **E:** E com relação ao que você falo sobre o fato dessas grandes empresas comprarem os times, o quê você acha disso?

F: Oh... isso daí ... é um negócio que eu sou totalmente contra. Porquê? Primeiro, *veja bem:* o futebol hoje ta em crise. Né? Hoje você... vê só pancada... cê num vê mais aqueles dribles sensacionais que eles davam antigamente. Então, eu acho que isso influencia muito a cabeça do jogador. (*Corpus* do *Projeto Mineirês*, cidade de Arceburgo, entrevista 09)

(14) **F:** Ah tem! Naquela época era mais rígida. Né? A gente se num estudasse num passava de ano. Eu bombei o segundo ano, bombei o primero técnico, eu bombei. Porque hoje... *vê lá...* hoje passa. Né? Hoje num tem repetência. Né? (*Corpus* do *Projeto Mineirês*, cidade de Arceburgo, entrevista 10)

(15) **E:** E teve algum passeio que... o carro quebrou... (pausa) pifou...

F: Ah, pelo o que eu lembre, não.

E: ...furo o pneu!...

F: Ah, não, já teve sim. (est) Voltando acho que foi até do curso de inglês... (est) tava chovendo muito... (est) aí o carro parou; (pausa) é: mas é:.. parou o carro, vários carros pararam, bem na Avenida das Américas até. (est) O carro parou.

E: Hu. Hu. Hu. Hu. (falando baixo) Eu sei!... (riso e)

F: Aí... mas *vê só:* eu fiquei desesperada! (“né? era”) pequenininha, todo mundo desesperada no carro, era um bando de... de (hes) ado... é:... não era nem adolescente ainda, eu devia ter uns dez anos... e... minha irmã uns doze, nossa amiga também uns doze... Aí tinha outro menino, devia ter também uns dez, onze... com a gente. (*Corpus* do projeto *PEUL*, entrevista T14)

Os marcadores *vê*, *veja*, *veja bem*, *vê lá* e *vê só* vinculam sentidos [+ (inter)subjetivos], pois indexam a orientação do ouvinte em direção a seu interlocutor. Todos eles atuam em contextos de opinião, visando a reforçar os argumentos apresentados pelo falante. Em (11), o marcador *vê* tem como objetivo, além fazer com que o ouvinte concorde com a opinião do falante em relação aos casos de estupro, reforçar seus argumentos no que tange à lotação nas cadeias e ao fato de pessoas serem presas por roubarem um pão. Em (12), *veja* exerce a

função de apresentação de argumentos para um determinado ponto de vista – que as pessoas de Arceburgo não se interessam pela cidade nem pelas coisas que a cidade tem a lhes oferecer. Quanto ao MD *veja bem*, em (13), este tem como função chamar a atenção do ouvinte para os argumentos que sustentam a posição do falante de que o futebol tem passado por uma crise financeira. Em (14), o marcador *vê lá* é utilizado a fim de fazer com que o interlocutor concorde com a opinião do falante de que, em sua época de escola, o sistema educacional no país era bem diferente do que se vê atualmente. Por fim, em (15), *vê só* tem por finalidade apresentar argumentos do falante em relação ao seu comportamento aflito em uma situação de problemas com o carro.

Finalmente, observemos o marcador discursivo *deixa eu ver*:

(16) **E:** Tinha mais alguma expressão que você lembra?

F: *Dexa eu vê...* ah ... era essas que ela usava. Né? E eu tenho assim muita saudade, eu era muito pequena, oito anos, de tê explorado mais ela, das coisa lá da Itália. (*Corpus do Projeto Mineirês*, cidade de Arceburgo, entrevista 07)

Em (16), temos o marcador *deixa eu ver* exercendo a função de pedido de tempo, do falante em direção ao ouvinte, para que possa (re)formular seu discurso. Tal uso, também, é [+ (inter)subjetivo], visto que sinaliza a preocupação do falante com o *self* do ouvinte, o qual aguarda por uma resposta.

7. Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo central a investigação dos marcadores derivados dos verbos de percepção visual *olhar* e *ver*, que, em sua configuração construcional, apresentem a forma imperativa, a partir das abordagens da Sociolinguística Variacionista e da gramaticalização enquanto processo de (inter)subjektivização.

Os resultados, ainda preliminares, apontam que as variáveis independentes *traço prosódico dos MDs*, *posição no tópico* e *relação sintática com estrutura oracional* foram os fatores mais relevantes para a variação dos marcadores. Acerca do *traço prosódico dos MDs*, identificamos o contexto de *pausa posterior* como o mais favorecedor da ocorrência tanto dos marcadores derivados do verbo *olhar* quanto dos derivados do verbo *ver*. Quanto à *posição no tópico*, os MDs derivados do verbo *olhar* são favorecidos pela posição *abertura de tópico*, e os MDs derivados do verbo *ver* são favorecidos pela posição *encaminhamento de tópico*. Acerca da *relação sintática com estrutura oracional*, os MDs derivados do verbo *olhar* são favorecidos pelo *contexto sintaticamente independente*, enquanto os MDs derivados do verbo *ver* são favorecidos *por contexto sintaticamente dependente*.

Observamos, ainda, em nossa análise, que há uma tendência à fixação dos marcadores discursivos analisados em P2, no modo indicativo do verbo e em configuração imperativa. Nesse sentido, podemos já, de alguma maneira, antecipar a possível existência de uma macroconstrução para os marcadores discursivos investigados.

Quanto à atuação dos marcadores analisados em contextos de uso, verificamos que os MD derivados do verbo *olhar* ocorrem em contextos de advertência, de conselho, de adversidade, de atenuação e de opinião. No que tange aos marcadores discursivos derivados do verbo de percepção *ver*, verificamos que estes tendem a ocorrer preferencialmente em contextos opinativos, visando a reforçar os argumentos fornecidos pelo falante. Entretanto,

acreditamos que, com a ampliação do *corpus*, encontraremos, ainda, outros diferentes contextos de atuação discursiva dos marcadores.

Referências

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Ed.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. Introduction. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Ed.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010. p. 1-26.

FINEGAN, E. Subjectivity and Subjectification. In: STEIN, D. & WRIGHT, S. (Ed.). *Subjectivity and Subjectivization: Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 1-15.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, E. M. A questão do continuum na interface variação/gramaticalização. In: *7º Encontro do Celsul*. Palotti: Pelotas, 2006.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2009 [1972].

MARTELOTTA, M. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. C. do. (Org.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009. p. 1-20.

NARO, A. J. Variação e funcionalidade. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v. 7, n. 2, 1998.

_____.; BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Niterói, n. 9, 2º semestre, 2000.

POPLACK, S. Grammaticalization and linguistic variation. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Ed.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 209-224.

RISSE, M. S.; SILVA, G. M. de O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. A.; KOCH, I. G. V. (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006, p. 403-425.

ROST-SNICHELOTTO, Cláudia. A. *Olha e vê: caminhos que se entrecruzam*. Tese (Doutorado em Linguística), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (Eds.). *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995. p. 31- 54.

_____. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Ed.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 624-647.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA,

T. V. (Ed.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a. p. 219-250.

_____. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (Ed.). *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008b. p. 143-177.

_____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. de. (Org.). *História do Português Paulista*. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009. v. 1, p. 91-101.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010. p. 13-26.

_____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Ed.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011a. p. 19-30.

_____. *Toward a coherent account of grammatical constructionalization*, Slightly revised version of powerpoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011b.

_____. DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 149-177, 2006.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Trad.: Marcos Bagno. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].